

Corde! Pedagogico

OFICINA DE CORDEL

Concerto de Rimas
Ortopedia Métrica
Informe de Formas

Jotacê Freitas

Cordel na sala de aula

A utilização da literatura de cordel como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da leitura e da escrita é um desafio na formação do educador. A oralidade como linguagem base aproxima o leitor da escrita e vice-versa, o que a compreensão do texto e do contexto.

“O cordel, em si, parecia-me um objeto nuclear, no sentido de possibilitar, dependendo do olhar que se coloca sobre ele, a discussão de temas, para mim, há muito instigantes. Inicialmente, poderia ser objeto privilegiado de investigação da própria História - em particular, da história cultural, da história da leitura e da escrita, da história dos usos do impresso por diferentes grupos sociais, da história das práticas educativas extra-escolares”.

(na medida em que, para alguns segmentos sociais, em certa época e em alguns lugares, representava um dos púnicos contatos que tinham com a escrita, a leitura e o impresso).

Ana Maria de Oliveira Galvão - Cordel: leitores e ouvintes.
Autêntica, Belo horizonte, 2001. p. 20.

Oficina como prática do ofício

A principal responsável pelo letramento é a escola, porém, esta não tem cumprido seu papel em sua plenitude de 'ensinar tudo a todos' por diversas questões sociais, culturais, didáticas e pedagógicas.

Acredito que nossas crianças conseguem aprender a ler de uma forma diferente textos diferentes dos apresentados nos livros didáticos, e para-didáticos.

Numa tentativa de 'descondicionar o aluno do pressuposto de que escrita se faz tão-somente com idéias'¹, trabalhemos a palavra como matéria prima da escrita a partir de atividades lúdicas envolvendo a Literatura de Cordel que traz em seu interior toda uma musicalidade e informações carregadas de conhecimento e visão crítico social.

A Literatura de Cordel traz para a sala de aula uma nova forma de ler e ouvir, recitar e criar, superando a barreira da maniqueísta dicotomia popular x erudito.

Por tratar-se de narrativa envolvendo situações do cotidiano ou do imaginário popular com uma linguagem e vocabulário simples, utilizando rimas rítmicas, o Cordel atrai os jovens leitores que desconhecem completamente a existência dessa literatura.

Através das rimas exercitaremos algumas técnicas de redação de versos metrificados. No caso da Literatura de Cordel, noções de métrica, rima e forma. Buscaremos também pôr em prática 'a nova proposta do ensino da arte que está centrada em três focos: o fazer artístico (oficina); apreciação da obra de arte (leitura); reflexão'² (exposição panorâmica e discussão).

¹ CLAVER, 2004. p.10

² SANTOS, 2006. p.22.

FORMAS OU ESTROFAÇÃO

QUADRA

CONJUNTO DE 4 VERSOS OU PÉS

SEXTILHA

CONJUNTO DE 6 VERSOS OU PÉS

SETILHA

CONJUNTO DE 7 VERSOS OU PÉS

DÉCIMA

CONJUNTO DE 10 VERSOS OU PÉS

“Menina se quer vir vamos
Não se ponha a imaginar
Quem imagina cria medo
Quem tem medo não vai lá”

Chora Bananeira com Silvério Pessoa (Jacinto
Silva/Onildo Almeida) [07]

“Cantador vem de família
Boi de carro e de parelha
Cachorro com caçador
Já disse Pedro Bandeira
Tudo isso se aplica
À cantoria bendita
de Romano de Teixeira”

Debate Maior - Antônio Vieira [02]

“O sábia no sertão
Quando canta me comove
Passa três meses cantando
E sem cantar passa nove
Por que tem a obrigação
De só cantar quando chove”

Chover com Cordel do Fogo Encantado
(Zé Bernardino) [04]

RIMAS

Toante, assoante ou vocálica:

Semelhança apenas com som das vogais

Ex: **novo/fogo – estrondo/sonho –
tormento/vertendo**

Soante, consoante ou consonantal:

Semelhança apenas com som das vogais
e consoantes

Ex: **anos/desenganos – florescente/frente –
existente/triste**

ESQUEMA RÍTMICOS

SALTEADAS

xaxa
xaxaxa
xaxabba

CRUZADAS

abab
ababab
ababccb

EMPARELHADAS

aabb
aabbcc
aabbccb

OBS.: as letras repetidas significam que as rimas se repetirão nessa seqüência ou esquema - o X significa que não tem rima. Existem outros esquemas e cada poeta pode criar o seu.

MEDIDAS OU MÉTRICAS

Setissílabo, heptassílabo ou redondilha maior:

A mais utilizada em Literatura de Cordel, possui sete sílabas contadas até a tônica da última palavra do verso.

A utilização de músicas ajuda a fixar a métrica pois a melodia das canções podem ser parodiadas. Os dois primeiros versos de Asa Branca - Luiz Gonzaga (Quan doo Ihei a ter raar den do/qual Fo guei Ra de São João); Os Números - Raul Seixas; Futebol no Inferno - Caju e Castanha.

OUTRAS MEDIDAS

DECASSÍLABO = 10 sílabas

"Babujadas por baixos beijos brutos." (Augusto dos Anjos)

HENDECASSÍLABO / GALOPE = 11 sílabas

"Que coisa bonita na beira do mar." (Manuel Galdino)

DODECASSÍLABO / ALEXANDRINO = 12 sílabas

"No céu gelado expira o derradeiro dia." (Olavo Bilac)

1 2 3 4 5 6 7
" João de Bar ro quem te FEZ
Te deu tan tain te li GÊN Cia
Que te a pró pria ci ÊN Cia
Pe de u maex pli Ca ÇÃO
Em Ge nhei ros Ar qui TE tos
Só não rou bam teus pro JE tos
Por que não vão no Ser TÃO. "

João de Barro – Chico Pedrosa [03]

Numa silabação poética/fonética põem-se em prática diversos fenômenos lingüístico ou processos de

acomodação: eclipse=supressão (c'um, co'a);

sinérese=ditongação de hiato (o rien te, vio lên cia);

sinalefa=contração de duas ou três vogais (do Oriente, noite é um, como invejosos)

diérese=separação de ditongo (as u da de, va i da de); etc

RIMARIO

A partir da leitura dos folhetos selecionar as palavras que rimam entre si formado um dicionário.

Pato Rato Sapo			Coração Feijão Macarrão
	Pente Dente Mente		

2 Metros de 'Papel Metro' ou madeira - pincel atômico

CORDEL DADÁ

Aqui termina a história

João morava na ilha

Sua mãe lhe disse filho

Com pedaços da memória

Churrasco só do bom gato

Com versos de pé-quebrado

Recortar os versos de diversas estrofes de acordo com o número de pessoas, colocar em um saco ou caixa. Sacudir e distribuir entre os participantes. Eles tentarão montar as estrofes em busca do verso anterior ou posterior que está com outra pessoa. Não importa acertar corretamente, pode-se até criar um novo poema.

CORDEL LACUNADO

Os problemas sociais

São os mesmos há um tempo

Nenhum governo resolve

E nenhum

Que o irresponsabilize

Por esse

E-mail links e compras

Assim vive o sonhador

A sua felicidade

Está ligada ao

Que o material possui

E a propaganda

Como a

Argumento - descaramento - valor - atenua
- superior

TRIPA DE RIMA

OVO
NOVO
POVO

SOFÁ
POMAR
CASAR

MELHOR
PIOR
TOTÓ

As 3 rimas devem ser
distribuídas entre os
alunos para que
escrevam uma sextilha.

PENTE DE RIMA

BISTURI
AÇAÍ
AQUI
OSSO
INSOSSO

DENTE
CLIENTE
AUSENTE
ARRAIAL
BANANAL

As 5 rimas devem ser
distribuídas entre os
alunos para que
escrevam uma septilha.

ACRÓSTICO

J ornal leio todo dia
O u vejo televisão
T rabalho minha poesia
A través da inspiração
C om você, Franklin Maxado,
E um computador na mão.

M anuseei o teclado
A qui do computdaor
X ips e placas travando
A ssim como o meu avô
D urante o papo intermediário
O n-line que terminou

Em: MAXADO, Franklin e FREITAS, Jotacê. A conversa internética entre MAXADO e Jotacê. Salvador, Editora Tapera: 2005.

Com o nome escrito na vertical deve-se escrever um verso começando com cada letra criando também um esquema rítmico.

ACRÓSTICO

JF - Meu mestre me ensinou
A ser sempre aprendiz
Estar atento a tudo
Que se faz, se vê, se diz.
Abra seu olho, Barreto,
Que vou meter o espeto:
Sua vida está por um triz.

ACOB - Isso que você me diz
È simplesmente ameaça.
Deixe de dizer besteria,
Nunca vou temer pirraça.
Por um triz ta sua vida,
Pra você não tem saída:
Quero ver sua desgraça.

Em: BARRETO, Antônio C. de O. e FREITAS, Jotacê. A peleja internética entre dois cabras da peste. Salvador, Editora Tapera: 2005.

Em dupla os alunos devem se desafiar a partir de temas com cada um escrevendo uma estrofe: quadra, sextilha, septilha, décima, etc.

BILBIOGRAFIA

BATISTA, Sebastião Nunes. Poética Popular do Nordeste. RJ, Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1982.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Teatro de Cordel na Bahia e em Lisboa, Salvador: SCT, 2005.

CLAVER, Ronald. Escrever sem doer. Oficina de redação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

CHOCIAY, Rogério. Teoria do verso. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. Núcleo de Referência Cultural. Acervo Bibliográfica da FUNCEB: coleção folhetos de cordel; catálogo on-line. Salvador: SCT: FUNCEB; EGBA, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LESSA, Origenes. *A voz do poeta*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1984.

MAIA, Ângela Maria dos Santos. Poesia é brincar com palavras: leitura do poema infantil na sala de aula. Maceió: EDUFAL, 2002.

MATOS, Edilene. Ele o tal, Cuíca de Santo Amaro. Salvador: Secretária da Cultura e Turismo, EGBA, 1998.

MAXADO, Franklin. Cordel: xilogravura & ilustrações. Literatura Comentada. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

_____. O Cordel como voz na boca do sertão.

Léguas&meia: Revista de literatura e diversidade cultural. UEFS, Feira de Santana, Ano 4, nº 3, 2005.

MEYER, Marlyse. Autores de Cordel. Coleção Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação, 1980.

NUVENS, Plácido Cidade. Patativa e o universo fascinante do sertão. Fortaleza, Universidade de Fortaleza, 1995.

RAMALHO, Elba Braga. Cantoria nordestina: música e palavra. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. Memória das Vozes - Cantoria, romanceiro e cordel. Salvador: Secretária da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

TEJO, Orlando. Zé Limeira poeta do absurdo. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

VIEIRA, Antônio. Cordel Remoçado. CD, FUNCED, Salvador: 2003.